

XVI ECOPAR

Encontro de Economia Paranaense

V International Meeting on Economic Theory and Applied Economics

II Jornada Internacional de Comunicação Científica

POR QUE OS PAÍSES DA AMÉRICA DO SUL NÃO PARTICIPAM DE UM MESMO BLOCO COMERCIAL? UMA ANÁLISE SOB O PONTO DE VISTA ECONÔMICO E POLÍTICO

WHY DON'T SOUTH AMERICAN COUNTRIES PARTICIPATE IN THE SAME TRADE BLOC? AN ANALYSIS FROM AN ECONOMIC AND POLITICAL POINT OF VIEW
¿POR QUÉ LOS PAÍSES SUDAMERICANOS NO PARTICIPAN EN EL MISMO BLOQUE COMERCIAL? UN ANÁLISIS DESDE EL PUNTO DE VISTA ECONÓMICO Y POLÍTICO

Filipe Garcia Gonçalves de Alfaro¹

Área Temática: Economia Internacional e Finanças.

JEL Code : F02. F10. F50.

Resumo: Este trabalho aborda os países sul-americanos no que tange as suas relações comerciais regionais e exteriores, a sua produtividade econômica, a melhoria das condições sociais e a investigação da situação política recente destas nações. Utiliza-se da abordagem dialética, com a maior contextualização da situação destas nações no presente momento e dos métodos histórico, estatístico e comparativo para inquirir o passado político recente, os números que permeiam economias importantes como as da América do Sul e compará-las a fim de mapear as nações mais prósperas e mais atrasadas do subcontinente. Conclui-se que o embate ideológico tomou conta das discussões de integração regional nos últimos anos, tornando o regionalismo inviável caso os tomadores de decisões não consigam lograr êxito em debater somente na esfera econômica e acerca de melhorias estruturais às subdesenvolvidas nações sul-americanas.

Palavras-chave: Integração; Mercosul; Tarifas de importação; Política internacional.

Abstract: This paper addresses the South American countries regarding their regional and foreign trade relations, their economic productivity, the improvement of social conditions and the investigation of the recent political situation of these nations. It uses the dialectical approach, with a greater contextualization of the situation of these nations at the present time, and historical, statistical and comparative methods to inquire into the recent political past, the numbers that permeate important economies such as those of South America and compare them in order to map the most prosperous and backward nations of the subcontinent. It is concluded that the ideological clash has taken over the discussions of regional integration in recent years, making regionalism unfeasible if the decision makers are not able to succeed in debating only in the economic sphere and about structural improvements to the underdeveloped South American nations.

Key-words: Integration; MERCOSUR; Import tariffs; International politics.

Resumen: Este trabajo aborda a los países sudamericanos en lo que respecta a sus relaciones comerciales regionales y exteriores, su productividad económica, el mejoramiento de las condiciones sociales y la investigación de la situación política reciente de estas naciones. Utiliza el

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico da Universidade Federal do Paraná; Brasil; 0009-0005-6078-3945; filipealfaro7@gmail.com.



XVI ECOPAR

Encontro de Economia Paranaense

V International Meeting on Economic Theory and Applied Economics

II Jornada Internacional de Comunicação Científica

enfoque dialético, con una mayor contextualización de la situación de estas naciones en la actualidad, y métodos históricos, estadísticos y comparativos para indagar en el pasado político reciente, los números que permean economías importantes como las de América del Sur, y compararlos con el fin de mapear las naciones más prósperas y atrasadas del subcontinente. Se concluye que el choque ideológico se ha apoderado de las discusiones sobre la integración regional en los últimos años, haciendo inviable el regionalismo si los tomadores de decisiones no logran debatir solo en el ámbito económico y sobre las mejoras estructurales de las naciones sudamericanas subdesarrolladas.

Palabras-clave: Integración; MERCOSUR; Aranceles de importación; Política internacional.

Introdução.

As eleições presidenciais de 2022 no Brasil marcaram mais um avanço do espectro político progressista na América do Sul, com a subida ao poder de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) no lugar do então Presidente da República Jair Messias Bolsonaro (PL).

No ano de 2021 ocorreram eleições presidenciais no Chile e Peru que foram marcadas também pela ascensão de políticos progressistas como Pedro Castillo no Peru que ganhou as eleições da conservadora Keiko Fujimori e de Gustavo Boric no Chile que desbancou o candidato de direita José Antonio Kast.

Na terceira maior economia da América do Sul, Gustavo Petro do Colombia Humana fora eleito em meados de 2022 por uma eleição acirrada com cerca de 50,49% dos votos contra Rodolfo Hernández, que já havia sido apontado por uma reportagem da UOL (2022) como o “Donald Trump colombiano”.

O cenário político da América do Norte também é muito semelhante, já que políticos progressistas ocupam os mais altos postos do poder executivo de seus países, como Justin Trudeau no Canadá, López Obrador no México e Joe Biden nos Estados Unidos da América.

Em meio a uma consonância de ideologias políticas no continente americano, fica mais provável a aproximação geopolítica destes líderes dos poderes executivos nacionais. A premissa inicial deste artigo baseia-se na ideia da aproximação diplomática de todos os países da América do Sul sob um mesmo bloco econômico, idealizando aquilo que havia sido proposto inicialmente em 1991 no Tratado de Assunção.

Em meados dos anos 1990 surge uma nova onda de regionalismo (MANSFIELD E MILNER, 1999) na qual diversos blocos econômicos são criados, ressaltando a importância das relações internacionais e do comércio com as nações vizinhas, a ineficácia do protecionismo frente a inserção econômica do país nas cadeias globais de produção torna o regionalismo não só viável como irremediável.

Baumann e Mussi (2006) abordaram as consequências do Mercado Comum do Sul após 15 anos da assinatura do acordo inicial, concluindo que os quatro países membros estavam indo na direção contrária do que se planejava anteriormente, sendo uma das condições basilares do bloco o desenvolvimento econômico através de ajuda mútua e com melhora das condições sociais, contudo Argentina, Brasil, Uruguai e Paraguai passaram por tempos conturbados neste período, levando cada país a uma forma distinta de combater a inflação interna e a reduzir seus déficits públicos, através do achatamento do Estado.



XVI ECOPAR

Encontro de Economia Paranaense

V International Meeting on Economic Theory and Applied Economics

II Jornada Internacional de Comunicação Científica

A Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) tem grande importância diplomática sobre os países participantes, influenciando em acordos bilaterais e em estudos sobre o regionalismo. Em seu manifesto inicial, Prebisch (1949) apresenta o que seria uma espécie de “guia para o desenvolvimento”, ressaltando os passos a serem tomados pelas nações observadas na perseguição de seus objetivos. Sendo a mais tradicional ideia da CEPAL, o Processo de Substituição de Importações (PSI), este perdurou no ideário macroeconômico das nações latinas nas décadas que se seguiram, indo na contramão dos autores neoliberais de países desenvolvidos.

Contudo, em meados da década de 1990, a CEPAL propôs um novo conceito para o regionalismo, algo que ficaria conhecido como o “regionalismo aberto”. Corazza (2006) tenta explicar o que seria este novo conceito do movimento cepalino, adaptando seu ideal tradicional ao movimento liberal em voga a partir do final do último século. O autor argumenta que o termo busca conciliar dois fenômenos, como a insurgente dependência dos mercados internacionais e adaptar-se ao novo cenário de liberalização comercial global, o que faz necessário um novo conceito do regionalismo, promovendo blocos econômicos entre nações próximas para interligar tais países ao mercado internacional de forma conjunta, como uma só “União”, semelhante ao que acontece atualmente com a União Europeia (UE).

Com o apoio inédito da CEPAL em movimentos de integração econômica por meio da liberalização comercial, o MERCOSUL foi se aprofundando com o passar dos anos, levando ao status atual de união aduaneira apontada por Kume e Piani (2005), que se caracteriza pela Tarifa Externa Comum (TEC) e a livre circulação de indivíduos entre os países membros. Os autores argumentam sobre o progresso diplomático do bloco com o estabelecimento de uma zona de livre comércio para além da união aduaneira e concluem que os grandes beneficiários desta isenção tarifária seriam os países de menor porte, sendo o Brasil o grande prejudicado com o estabelecimento de uma liberalização comercial completa com as nações vizinhas, já que como grande produtor de maquinário e bens industrializados seria visado por seus parceiros e em contrapartida não teria grandes benefícios.

Apesar da falta de benefícios econômicos aparentes da integração comercial, o Brasil tem voltado seu discurso político para o avanço do bloco econômico, muito pela corrente ideológica semelhante dos líderes das nações participantes, sendo assim, este artigo fora cunhado com o intuito de promover uma reflexão sobre o bloco sul-americano, no que concerne a ganhos comerciais advindos da inclusão de mais países sobre o mesmo bloco e quanto ao fortalecimento das relações diplomática e comercial entre os países membros.

Os objetivos da pesquisa são: analisar o status comercial, social e econômico dos países membros; analisar os mercados chileno, boliviano, colombiano, equatoriano, peruano e venezuelano no que tange a suas demandas comerciais; e propor uma discussão sobre a inclusão destas nações ao MERCOSUL, ou a outro bloco econômico subcontinental.

Procedimentos Adotados.

Segundo Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa acadêmica no que tange ao processo metodológico consiste em duas etapas: abordagem e procedimentos, sendo o primeiro caracterizado como àquele em que se especifica as bases lógicas da investigação e o segundo como os meios técnicos para a execução da pesquisa.



XVI ECOPAR

Encontro de Economia Paranaense

V International Meeting on Economic Theory and Applied Economics

II Jornada Internacional de Comunicação Científica

O presente trabalho utilizará da abordagem hegeliana, popularmente conhecida como Dialética na qual a pesquisa trata o conhecimento científico como algo indissolúvel do seu contexto (PRODANOV E FREITAS, 2013), sendo necessária uma análise mais complexa e atenta aos demais fatores externos ao objeto de investigação, e na qual o qualitativo é o cerne da questão, não se esvaindo de dados quantitativos, mas dando maior atenção aos argumentos retóricos defendidos pelos autores que nos antecedem.

Quanto aos métodos de procedimentos e de acordo com Prodanov e Freitas (2013), utilizar-se-á de métodos reconhecidos da pesquisa econômica, o Histórico, o Estatístico e o Comparativo; sendo o histórico utilizado para a análise dos cientistas sociais anteriores que produziram argumentos favoráveis e contrários a políticas de integração econômica, como mencionados na seção acima, além da reflexão sobre a contextualização política das nações Andinas e das pertencentes ao bloco. O método estatístico será utilizado para tratar os dados comerciais destas nações no que tange a produção interna e as pautas exportadoras e importadoras, assim como aos acordos de complementação econômica traçados entre os países sul-americanos.

Os dados comerciais sobre exportações e importações, assim como suas destinações foram obtidos junto ao *The Observatory of Economic Complexity* (OEC) para o ano de 2020, já que é o período mais recente disponível para todos os países latinos inclusos neste estudo.

A ferramenta Comex Stat pertencente aos domínios do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC) foi utilizada para a obtenção dos dados mais atualizados, período de 2023, da balança comercial nacional para cada país pertencente a esta análise, na qual será feita uma análise retórica de benefícios da integração destes mercados exteriores para além dos acordos já vigentes, pressupondo a adesão destes ao bloco econômico sul-americano.

Resultados e discussão.

A União de Nações Sul-Americanas (UNASUL) foi criada em 2008 no Brasil, por meio de um tratado constitutivo com a adesão de todos os países do subcontinente (BBC, 2008). A entidade supranacional visava a integração de todos os países sul-americanos sob um mesmo bloco, com o intuito de promover um diálogo internacional acerca de políticas públicas e acordos econômicos internacionais (JAEGER, 2019).

Segundo Oliveira Cruz (2020), o bloco sul-americano foi elaborado para a intentona de melhorar a infraestrutura do subcontinente no que tange aos transportes, energia e comunicações, viabilizando uma integração para além da econômica, algo como um pacto de fomento ao desenvolvimento dessas nações e possivelmente gerar retornos financeiros no futuro, quando já constituídas as melhoras estruturais.

Nery (2016) argumenta sobre o ambicioso projeto da UNASUL, que significaria o maior passo já dado por todas as nações latinas, no que tange a integração econômica, sem a intervenção dos Estados Unidos da América. Ainda segundo o autor, há um evidente intuito geopolítico deste grupo, que aspirava colocar a região supracitada como importante no debate internacional acerca de negociações e de diplomacia internacional, algo semelhante ao que a União Europeia fizera no final do século XX.

Oliveira Cruz (2020) aponta sobre a onda progressista que havia tomado o poder no subcontinente às vésperas da criação do bloco, com Morales na Bolívia, Kirchner na Argentina, Mujica no Uruguai e Lula no Brasil.



XVI ECOPAR

Encontro de Economia Paranaense

V International Meeting on Economic Theory and Applied Economics

II Jornada Internacional de Comunicação Científica

Contudo, como descrito na Terceira Lei de Newton, toda ação gera uma reação de igual intensidade, mas em sentidos opostos, o que na política sul-americana pode ser explicado pela ascensão do conservadorismo e do neoliberalismo, com a subida ao poder de Mauricio Macri na Argentina em 2015, com a derrocada petista pelo impeachment de Dilma Rousseff em 2016, com a eleição de Sebastián Piñera no Chile em 2018 e de Iván Duque na Colômbia no mesmo ano. Este movimento à direita levaria a modificações no diálogo subcontinental, o que acabou promovendo a retirada de todos estes países da UNASUL em 2018 (DINIZ, 2018).

Em substituição ao UNASUL é criado o Fórum para o Progresso e Desenvolvimento da América do Sul (PROSUL) no ano de 2019 com a assinatura da Carta de Santiago (VENAGLIA, 2019) pelos sete países membros e alinhados ao conservadorismo naquele momento: Brasil, Argentina, Chile, Colômbia, Paraguai, Peru e Equador. Segundo consta na declaração, o PROSUL se entende como uma entidade mais ágil e flexível do que a UNASUL, promovendo rápidas decisões e fortalecendo o diálogo internacional sem burocracias ou ideologias.

De acordo com Oliveira Cruz (2020), os dois grupos de discussão parecem muito semelhantes, tanto em suas declarações iniciais e premissas, quanto nos grupos de trabalho para estudo dos temas subcontinentais, assim como o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) continuará sendo peça importante para a continuidade dos avanços econômicos e estruturais da região.

O PROSUL é tido como um grupo de diálogo sul-americano de direita, enquanto o UNASUL sempre foi ocupado por líderes de esquerda, que em meados da década passada foram perdendo seus postos nos poderes executivos e levaram os conservadores Piñera, Duque e Bolsonaro a criarem um grupo de acordo com seu viés político.

De acordo com o jornal alemão DW (2022), Boric retirou o Chile do bloco conservador em meados de abril de 2022, menos de um mês depois da sua tomada de poder, o que fragilizou a aliança direitista na América do Sul. Em agosto do mesmo ano, Duque saiu do poder e Petro ascendeu na Colômbia, poucos meses depois Lula derrota Bolsonaro, e agora em 2023, nenhum dos líderes conservadores das principais economias da América do Sul está mais no poder, o que pode ser visto como o cessamento, pelo menos momentaneamente, do PROSUL.

Já no primeiro dia do novo governo, Lula falou ao Congresso sobre a intenção de retornar à integração econômica sul-americana por meio do MERCOSUL e da UNASUL (CNN, 2023), argumentando que o último deve ser revitalizado e o país deve promover o diálogo com outras nações, com isso, oficializou a retomada de relações diplomáticas com a ditadura venezuelana de Nicolás Maduro.

Ao final do mês de janeiro, houve um encontro entre Lula e Fernández que concordaram sobre a necessidade de reintegrar o subcontinente, ao começar pelo fortalecimento do bloco econômico e depois de se discutir com os demais líderes sobre o ressurgimento da União de Nações Sul-Americanas (PODER 360, 2023)

O MERCOSUL tem acordos de complementação econômica com a maioria dos países sul-americanos, sendo estes: Bolívia (ACE 36), Chile (ACE 35), Colômbia (ACE 72), Equador (ACE 59) e Peru (ACE 58) que compreendem 100% do universo tarifário e no mínimo 95% das linhas em livre comércio, o que coloca o Brasil, virtualmente, em uma zona de livre-comércio com as nações vizinhas (ALFARO, 2024).

Uma pequena ressalva deve ser feita para a Guiana e Suriname, que são nações sul-americanas independentes, mas que não possuem acordos comerciais com o MERCOSUL, contudo



XVI ECOPAR

Encontro de Economia Paranaense

V International Meeting on Economic Theory and Applied Economics

II Jornada Internacional de Comunicação Científica

a expressividade econômica e geopolítica destes é muito pequena, devido as suas populações diminutas e produção interna pouco significativa.

Com isso, pode-se dizer que não há nenhum benefício econômico imediato da inclusão desses países no bloco como membros plenos (para o Brasil), sua integração seria interessante sob o ponto de vista diplomático, uma vez que o bloco MERCOSUL deixaria de ter um tamanho pequeno no cenário internacional, passando a ter maior robustez e importância no debate global, principalmente se fossem incluídas as nações do Chile e da Colômbia, a terceira e a quarta maiores economias do subcontinente, que possuem grandes alianças comerciais com as demais nações do Oceano Pacífico para além do gigante chinês.

Considerações Finais.

A análise política elaborada neste trabalho, permitiu a conclusão da complexa situação das forças ideológicas que permeiam este subcontinente, com recentes embates eleitorais entre candidatos progressistas e conservadores, sendo eleições acirradas e com margens mínimas de vitória, o que sinaliza para uma divisão de todas estas nações no que toca ao debate público.

Dado o cenário atual, quando líderes inclinados à esquerda ocupam a maioria das principais lideranças do subcontinente, a iminente descontinuidade do PROSUL, e com o ressurgimento da UNASUL. Contudo, ambos os grupos não passam de fóruns ideológicos e de debate político, sem quaisquer resoluções práticas como as advindas de blocos econômicos de *facto*, como o MERCOSUL ou ainda o norte-americano NAFTA.

A atual conjuntura geopolítica sul-americana é refém de discursos ideológicos, o que torna os pactos internacionais para construção de rodovias e malhas ferroviárias transnacionais muito complexo, e por mais que se espere que os interesses financeiros possam sobrepujar o embate progressismo versus conservadorismo que se apossou da América do Sul, é muito improvável que as ideias constituídas nestes fóruns de integração regional, como o UNASUL, saiam do papel.

Haja vista que os acordos de complementação econômica já estão outorgados pelas nações do subcontinente, praticamente criando uma zona de livre comércio na América do Sul, parece inexistir motivação para que os demais países adentrem ao bloco MERCOSUL, quanto menos estreitem relações geopolíticas com os membros plenos do bloco, o que dificulta (ou até inviabiliza) o avanço no processo de integração regional sul-americano.

Agradecimentos.

Agradeço a agência de fomento CAPES pela bolsa de estudos que viabiliza minha pós-graduação.

Referências

ALFARO, F. **Política econômica internacional e Geopolítica Brasileira no século XXI (2003-2010):** Uma reflexão histórica e quantitativa. 2024. 117 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Econômico) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Curitiba, 2024.

BAUMANN, R.; MUSSI, C. **MERCOSUL: então e agora.** Repositório CEPAL. Maio de 2006. Disponível em: <https://repositorio.cepal.org/handle/11362/28383>. Acesso em: 02 mai. 2024.



XVI ECOPAR

Encontro de Economia Paranaense

V International Meeting on Economic Theory and Applied Economics

II Jornada Internacional de Comunicação Científica

BBC. South America Nations found union. In: **BBC News**, 23 mai. 2008. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/americas/7417896.stm>. Acesso em: 17 mai. 2024.

CNN. Lula promete retomar integração sul-americana com Mercosul e Unasul. In: **CNN Brasil**, 01 jan. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/lula-promete-retomar-integracao-sul-americana-com-mercosul-e-unasul>. Acesso em 20 mai. 2024.

CORAZZA, G. O "regionalismo aberto" da CEPAL e a inserção da América Latina na globalização. **Ensaios FEE**, v. 27, n. 1, p. 135-152, 2006.

DINIZ, M. Brasil e mais cinco países suspendem participação da Unasul. In: **Agência Brasil – EBC**, Brasília, 22 abr. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2018-04/brasil-e-mais-cinco-paises-suspendem-participacao-na-unasul>. Acesso em: 02 mai. 2024.

DW. Boric suspende participación de Chile em foro Prosur. In: **DW**, 04 abr. 2022. América Latina. Disponível em: <https://www.dw.com/es/boric-suspende-participaci%C3%B3n-de-chile-en-foro-prosur/a-61348627>. Acesso em: 01 mai. 2024.

JAEGER, B. C. Crise e colapso da UNASUL: o desmantelamento da integração sul-americana em tempos de ofensiva conservadora. **Conjuntura Austral**, v. 10, n. 49, p. 5–12, 2019

KUME, H.; PIANI, G. Mercosul: o dilema entre união aduaneira e área de livre-comércio. **Brazilian Journal of Political Economy**, São Paulo, v. 25, n. 4, 2005.

MANSFIELD, E.; MILNER, H. The New Wave of Regionalism. **International Organization – The MIT Press**, v. 53, n. 3, p. 589–627, 1999.

NERY, T. UNASUL: a dimensão política do novo regionalismo sul-americano. **Caderno CRH**, v. 29, n. 3, p. 59-75, 2016.

OLIVEIRA CRUZ, D. A. M. Os rumos da integração regional no subcontinente: da UNASUL ao PROSUL, o que mudou? **Revista de Geopolítica**, v. 11, n. 4, p. 111-122, 2020.

PRODANOV, C.; FREITAS, E. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2 ed. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2013. 277p.

UOL. Quem é Rodolfo Hernández, o “Trump da Colômbia”, que disputa o 2º turno. In: **UOL Notícias**, 30 mai. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2022/05/30/quem-e-o-candidato-da-direita-rodolfo-hernandez-o-trump-colombiano.htm>.

Acesso em 22 mai. 2024.

VENAGLIA, G. Documento de criação prevê cláusula democrática para participar do Prosul. In: **Veja**, São Paulo, 22 mar. 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/documento-de-criacao-preve-clausula-democratica-para-participar-do-prosul>. Acesso em: 05 mai. 2024.

